



Gaiato

27 DE AGOSTO DE 1966
ANO XXIII — N.º 586 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

MALANJE

Não te escandalizes por termos comprado uma carrinha. A Bedford está a cair — de tanta pedra, teijolo e areia que tem apanhado — e já não tem forças para me levar longe... onde costume ir bater a outras portas. No domingo último foi na Sé de Luanda e no anterior, na Igreja de Nazaré. «Como é que, quando é prá vossa Obra, se agita tudo com pressa de dar?» — disse-me uma senhora. — «O Senhor é que sabe».

Sabes, tenho agora uns cães-zitos... o maior é prós lados da Fábrica da Canámbua, filho legítimo do teijolo e da telha, que só não fez ainda béu! béu! por bondade do dono.

Comunico-te aqui a minha aflição para que me ajudes. Será graças a ti que no próximo ano entrarão na nossa aldeia mais trinta crianças abandonadas! Ou deixarão de entrar se fechares o teu coração. Não te contentes com as tuas devoções... Não basta dizer: Senhor! Senhor! Obras...

Continua na terceira página



O «Tói», «Pastor», «Cobra» e «Mineiro», mais os seus sorrisos abertos, são uma certeza das nossas Casas no Ultramar

Cantinho dos Rapazes

Este tempo de euforia que o bruto comportamento da nossa selecção em Inglaterra nos deu a viver, da qual participei como raras vezes, fez-me sentir, também de um modo mais profundo, os desvarios dos homens do futebol.

Tanto mais que, diante dos nossos olhos vem-se desenrolando um caso triste que eu desejaria bem demonstrasse de uma vez para sempre a nossa posição perante a sem-nobreza, os inte-

resses mesquinhos que o futebol desencadeia.

«Peniche» regressou da tropa há cerca de três meses. Já para lá não fôra da nossa Casa, que nos havia trocado tempos antes por um grupo vizinho de futebol.

Tudo foram rosas no princípio. A amizade que ele supunha tê-lo como objecto, levou-o a confiar a carta e a deixar sua carta de jogador nas mãos de

quem lhe abriu as portas para a troca que então fez.

Andou por Cabo Verde. Voltou. Trazia projectos de fazer carreira no futebol durante alguns anos, mas queria segurar-se com um emprego para depois.

Como eram suas as pernas, em que principalmente punha a sua confiança, ao menos, para os primeiros anos (as suas pernas em que o grupo também estava interessado) — supôs que a carta também era sua e que poderia escolher ele mesmo o seu rumo. Enganou-se. Tem sido uma pequenina odisseia carregada de humilhações e de tempo perdido.

O grupo não lhe dá a carta. Outro clube comprava-a..., mas era a mesma coisa: mudava-se

Continua na terceira página



Mais um quadro da nossa Aldeia: eles, juntamente com as suas padiolas, não têm mãos a medir.

BARRACAS

Eu fui ao Porto. Andei a dar voltas por via dum funeral. Onde julgava encontrar vida, fui encontrar morte. Fui ali ao pé da Cordoaria comunicar o falecimento. Escurecia. Tinha acabado o dia de trabalho. As famílias estão reunidas em suas barracas, porque casa não têm.

Eu passei no Jardim da Cordoaria e vi dum lado a cadeia, do outro, o Palácio da Justiça. Ao fundo, lá no abismo, as barracas. Doe-me: Vi a Balança da Justiça avariada, talvez de ferrugem, ou, o que mais doí ao «freguês»: falcaturada. Doe-me. Doe-me, por ver ali reunidos aqueles dois símbolos: senti como se a justiça troçasse da miséria. A balança da justiça pareceu-me pender para um interesse individual, enquanto a comunidade permanecia num atrofiamento doloroso. Nós — os que temos sede de Justiça — vivemos segundo a fome dos outros e por isso, assinalamos esta fome, que nos faz cientes da recta Justiça e Verdade porque vivemos e lutamos. É isto o Cristianis-

mo que arrasta e seduz. Foi isto o que Cristo viveu e ensinou. Não é nada de impossível. É a fome que todos temos. É a Verdade e Justiça que todos procuramos, sem individualismos, sem falcaturas na balança que nos pesa. Tem que ser a mesma a pesar a compra e a venda! Pois não há duas verdades nem duas justicas. Mas porque muita vez há duas balanças, no mundo há fome, há barracas! Elas são o nosso desmazelo. Cada freguesia devia tornar seu esse problema, e solucioná-lo o melhor possível. Não esperar unicamente pelo que vem da caridade, porque isso é sangria duns para engrandecimento de um património que é afinal de todos.

Outro dia um trabalhador das nossas obras veio pedir ajuda para uma barraca. Dissemos que não à barraca e aconselhámos a casa. Lembámos-lhe os filhos, a esposa, todo o conforto de que uma família precisa. A barraca é um

— CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Continua na segunda página

Carta de uns Noivos

«O que segue juntamente é a nossa participação do mês de Junho, para ajudar a uma necessidade mais premente, a que V. R.^a ache bem destiná-los.

A nossa vida continua feliz, com altos e baixos, fraquezas e egoísmos a puxarem-nos, por vezes, e nós a reagirmos com dificuldade. Esta natureza humana, mesmo quando vê mais ou menos o que é bem e o que é mal, é bastante fraca!

Mas queremos continuar a caminhar em frente, mesmo que isso nos custe muito. Reze por nós, principalmente no dia, em que pensamos casar.

E peço-lhe uma oração especial por mim, para que eu saiba ser sempre a mulher forte do Evangelho — mas custa tanto, às vezes, que tenho medo de não ser capaz!

Deus nos ajude! E à vossa Obra, que também é de todos nós, se me permite classificá-la assim, para que ela nos aclare e ilumine com o seu bom exemplo.

Até para o mês que vem, se Deus quiser.

Um casal de noivos, que não querem esquecer-se dos outros».

Quem me dera conhecê-lo, a este par de Noivos!... Conhecemo-nos no Coração de Cristo, no Qual eles nos amam e nós lhes retribuimos.

No seu dia, se Deus nos der vida, será por eles o nosso assunto no Altar.

Continuação da primeira pág.

armazém de desleixo, escola de complexos e de vícios cujas consequências deixam um rasto que infecta a sociedade. E o erro é dela que cruza os braços e deixa correr, à espera que os outros remedeiem.

Se uma «organização desorganizada», como é o nosso Património dos Pobres, tem remediado e solucionado tantos problemas, porque não há-de ser a Junta de freguesia a mostrar a quem pode, os problemas dos seus indigentes e a pedir remédio para cada Município; e cada Junta Distrital devia olhar esses problemas como base da orgânica do seu povo que é o Património da Nação.

A árvore come pela raiz, e

Estou a escrever nos meados de Agosto, altura em que grande parte das pessoas se encontra em férias. Elas são, de facto, necessárias, para reparar o desgaste de energias, tanto físicas como intelectuais, ao longo de todo um ano de trabalho. Só não têm direito a elas aqueles que nada mais fizeram do que matar o tempo. (Eu preferiria dizer que nada mais fizeram do que deixar-se matar pelo tempo...)

De Viseu, terra habitualmente muito quente, nesta época, quase toda a gente saiu para a praia ou campo, menos os que já se ausentaram em Julho ou teneionam fazê-lo em Setembro, estan-

BARRACAS

nós temos que ir estrumá-la lá ao fundo, para que venha a frutificar.

Eu queria dizer-te mais do que sinto disto, mas tenho receio que não me compreendas por via dos meus erros.

Eu amo muito tudo o que cheira a Família, e por isso me doi o que não seduz ao ambiente familiar, o que nos não atrai ao bem para que todos fomos criados: o bem de nós

mesmos consiste no saborearmos o bem-estar dos outros. Era isto que eu queria dizer àquela Senhora da balança e não fui capaz. Se quiseres saborear esse bom; se quiseres ver a balança equilibrada, uma só a pesar o que compras e o que vendes — olha as famílias desleixadas que nos acusam do mal que lhes provém do nosso desleixo, por não sabermos ou não quereremos ver que o mal está na fome da raiz. Desce e vai provar o sabor da barraca. Se vires, acreditadas — e amas e ganhas fome daquilo que alimentará os mais famintos: a Justiça. Acerta a balança, e pesa nela o que compras e o que vendes. Serás feliz ao dares a felicidade.

Ernesto Pinto



do agora a substituir outros, nos serviços. Mas há sempre os que ficam, por falta de meios que lhes permitam mudar de ambiente ou por não terem a quem passar o fardo dos seus encargos.

Eu estou neste último caso e posso dizer, com toda a verdade, que, ao longo dos quase 8 anos de vida da Obra, nunca pude

ausentar-me para férias, nem sequer conseguir algum dia a que pudesse chamar só meu.

Até quando permitirá Deus que esta situação continue?

A meu ver, isto acontece precisamente porque há muita gente que gasta a vida a matar o tempo, ou a deixar-se matar pelo tempo.

Ora, porque estamos em época de férias e porque delas já não provo há muito, o que me apetece é repouso e não trabalho. Por isso, limito-me hoje a transcrever uma carta recebida, há pouco, de Assinante de Viseu e que bem pode ser tomada para tema de meditação de férias.

«Vão aqui 20\$00, dados com boa vontade.

Gostaria de enviar mais, mas não posso. Sou um modesto funcionário, tenho família pobre e a ordem é continuar a apertar o cinto. Tem de ser.

Ultimamente não tenho visto as belenitas a vender *O Gaiato*, à porta das igrejas. Quando elas aparecem, fico-lhes sempre com o jornal (apesar de o assinar) e sinto uma grande satisfação em ajudá-las.

Há uma coisa que não consigo compreender. Como é que, ao mesmo tempo, se pode pôr o pé na igreja e se pode ficar indiferente a uma obra da natureza de Belém.

É que são muito poucos os que ficam com *O Gaiato* e isto é tristemente significativo. Como falta substância ao nosso cristianismo... Mas adiante.

Que Deus a proteja e a essa obra admirável.

Caro Benfeitor, ninguém pode dispensar a protecção de Deus. Quanto à Obra, sem ela, nem chegaria a ver a luz do dia, quanto mais aguentar-se ao longo dos seus oito anos de vida.

E é tudo como diz: As Belenitas deixaram de vender «O Gaiato» à porta das igrejas, porque os resultados da ven-

Respostas ao postal-aviso da nossa Editorial

Continuação da primeira pág.

«um», desse único, desse admirável e sempre recordado Padre Américo.

Desde há muito que leio «O Gaiato» e me habituei a admirar todos aqueles que o dirigem, todos aqueles que o fazem. É que minha Mãe, de Condeixa, é assinante de há muitos anos. E eu fui lendo e fui gostando (pois haverá quem não goste?), gostando da Obra, gostando do Jornal, gostando da forma como ele era escrito. E fiquei (problemas religiosos à parte) um incondicional admirador dessa Obra enorme, dessa Obra que, de tão grande e tão bela, ohéga, a ser insólita num mundo em desagregação como o de hoje».

Há mais cartas. São tantas! Não há dúvida que o postal-aviso revolucionou muitos leitores.

É a vez de um Vicentino, das bandas de Gaia:

«Bem hajam por terem trazido até nós a doutrina sublimada do vosso saudoso Pai, pois

quanto mais nos distanciamos do dia da sua morte, mais nos sentimos apoucados pela emoção das suas palavras, refundidas das páginas do Evangelho.

Foram as suas palavras que fizeram de nós vicentinos e nos acenderam no coração a chama da caridade, já lá vão largos anos. E quando o desalento nos bate à porta do espírito, é nas palavras de Pai Américo que vamos encontrar o alento necessário para continuar a trilhar o mesmo caminho que nos leva a Deus através do Pobre. Daí a nossa simpatia especial pelos escritos de Pai Américo».

Ainda que mais ninguém respondesse, bastavam estes correspondentes para darmos por bem empregada a campanha do postal-aviso.

Mas ele há mais. Muito mais. São legendas formosas!

Coimbra também fala. Poderia lá deixar de marcar presença! Foi ali que Pai Américo abriu os caboucos da «Obra da Rua». Onde começou a suar sangue, suor e lágrimas

— por amor de Deus. Foi o primeiro degrau. Olhem pra Coimbra:

«Bem hajam, por me agradecerem com o volume do «Obra da Rua».

Olho-o como um brado de «Vigiai e Orai» dirigido aos que «não sabem o dia nem a hora».

Assim eu tenha ouvidos para ouvir e olhos para ver. Só quisera ter muito com que procurar de alguma sorte retribuir o muito que me enviava.

Hoje, por vale de correio registado, remeto a soma de 50\$00, mero começo de retribuição».

Queria terminar aqui — apesar de ter mais legendas, ricas de beleza espiritual. Mas como! Sou eu. É o Manuel Pinto. É o Laurindo. Todos nos vemos à rasca para dar conta de alguns, poucos, lançamentos no ficheiro, de gente que aparece, por humildade, sem dar o nome próprio. Temos carta de J. N. L., do Crato. E outras. Até de Mofreita; carta espumante — subscrita, apenas, por «Uma grande admiradora da vossa Obra»:

«Acabei hoje de ler o «Obra da Rua», de que gostei imenso!!! Meu marido e meu filho, admiraram-se de eu ter levado tanto tempo a lê-lo...»

É que o «Obra...» não é leitura de romance, mas sim, para muito meditar... Eles também já leram alguma coisa e têm gostado muito».

Tenham paciência. Subscrevam vossos nomes tais quais seguem no rótulo da embalagem dos livros. De contrário isso provoca dores de cabeça e perdas de tempo — que muita falta nos faz — como se torna mesmo impossível descobrir as fichas. O ficheiro está ordenado alfabeticamente e tem cerca de 4.000 assinantes!... Entendido? Contamos com a simpática ajuda dos nossos leitores.

Finalmente, o brado do costume: aguardamos, ainda, mais respostas ao célebre postal-aviso. Leiam com atenção as indicações impressas no mesmo. Colem no dito um selito de \$20. E pronto. Laurindo (que gosta muito de estar parado...) quando vê pedidos aos montes verga-se. E anda prá frente. Diz ele que as estantes ainda podem matar a fome a muita gente! Pois temos o «Pão dos Pobres» I, II e III volumes, mais o «Obra da Rua» — última edição e alguns volumes do «Doutrina».

Os senhores não pensem a hora. Tem sido a Hora de muitos. Que seja de todos.

Júlio Mendes



Facetas de uma Vida

Continuação do n.º anterior

Nas visitas que fiz à Casa do Gaiato, em vida do saudoso Padre Américo, encontrei vários ensinamentos que a um simples visitante poderiam parecer práticas descabidas, mas que no fundo traduziam uma forma inteligente de ministrar a preparação aos seus rapazes. Junto ao portão principal da Quinta, encontrei um camião carregado de achas de pinho. Seis ou sete dos mais pequenos gaiatos iam carregando um ou dois pares de cada vez para o depósito de lenha, a uns vinte metros de distância. Achei estranho que o carro transportador ali tivesse ficado, e perguntei ao Padre Américo se não seria mais prático que a descarga se fizesse logo directamente junto do referido depósito. Resposta pronta do educador excepcional: — «Talvez, mas assim ficaria sem ter trabalho para dar a estes rapazinhos...»

A sua vida continuava numa actividade febril, em contactos permanentes com todos os sectores da vida nacional. O Padre Américo não era o director da sua Obra, porque era o corpo, a vida, a alma da sua própria Obra. Atento a todas as coisas, deslocava-se rapidamente a Lisboa, a Coimbra, ao Porto, onde o chamavam problemas a resolver ou dificuldades que pareciam grandes para vencer. Não as evitava, encarava-as de frente, sabia os temporais que teria de arrostar e dizia confiadamente: «As obras de Paço de Sousa

da nem de longe compensavam os esforços delas, o tempo gasto e os riscos de ordem moral que corriam pelas ruas da cidade. Sim, porque eu não tenho tempo livre para andar com elas nem algumas com quem as mande. E são meninas!

Elas saíam de casa por volta das oito da manhã, para só regressarem às 14, cheias de fome e cansadas. Levavam um total de 175 jornais e ainda traziam sobras, depois de irem às saídas de todas as missas. Nem que vendessem os 175, ainda ficavam milhares de pessoas, sem o famoso, tal a afluência de gente às nossas Missas Dominicais.

E note que, muitos dos que compravam, também, como o Senhor, já são assinantes. E, por isso mesmo, porque conhecem Belém, doíam-se com o que lhe era dado observar...

Diz o nosso povo que «santos da porta não fazem milagres» e aqui já houve quem mo repetisse, cara a cara.

Porém, «O Gaiato» não é artigo desta Obra de que, muitas vezes, nem sequer traz notícias.

O que o facto significa é o pouco interesse de muitos católicos pelos problemas sociais.

E isto é que é tristemente sintomático...

Inês — Belém — Viseu

levam a Cruz de Cristo, como as naves dos nossos descobridores». Cuidava dos seus rapazes, mas não descurava da sorte dos trabalhadores que iam erguendo a sua aldeia. «Pedi e deram-me um vagão de milho, a melhor e mais oportuna de todas as festas; é que os pedreiros não podem trabalhar à mingua de pão. Cosemo-lo nós em casa e distribuímos todos os dias aos trabalhadores. As dez toneladas de milho, darão 15 toneladas de boroa».

A ansiedade constante de levar ao fim o seu plano, aumentava-lhe as qualidades de lutador e criava-lhe um ambiente de simpatia em todas as camadas sociais. Quando o Padre Américo aparecia, todos sentiam que era alguém, descobriam-se, reverenciavam-no, estimavam-no profundamente. As dificuldades da construção das suas casas, não são agora de carácter económico, o dinheiro vai aparecendo, mas muitos materiais escasseiam e há dificuldade em os adquirir, estamos na guerra. Os prégos, os tubos de ferro para as canalizações, e muito material eléctrico, está racionado e é de difícil obtenção, mas para o Padre Américo as dificuldades foram feitas para serem vencidas. Dirige-se às entidades competentes, expõe a urgência da sua obra, obtém os fornecimentos indispensáveis. Não se poupa a trabalhos, nem a cansaças, adquire assim a compreensão e a justiça dos responsáveis. A sua obra vai prosseguindo, mas o Padre Américo não cruza os braços assistindo à sua vitória, pensa no futuro, e na forma mais prática de tornar conhecida a Casa do Gaiato do Porto, e então lembra-se de publicar um quinzenário a que põe o nome de «O Gaiato», que passa a ser o diário das actividades das casas que constituem a obra do Padre Américo.

O Ministro do Interior autoriza a publicação, e a Comissão de Censura dá-lhe carta branca para prosseguir na sua campanha. Três meses depois já o Padre Américo se revê no êxito da sua publicação e escreve: «O Gaiato está furiosamente lançado. Não imagina os pedidos de assinatura, muitos deles são de homens de responsabilidade social. Estou pasmado, pasmadíssimo!»

O quinzenário «O Gaiato» ficou a dever o seu sucesso, à forma inédita dos seus escritos, à sinceridade da sua exposição, à firmeza do seu ideal, o que fez dele um dos maiores sucessos jornalísticos do nosso tempo.

Homem de profunda fé, põe em todos os actos da sua vida a sinceridade total: diz o que pensa e o que sente. Sobressaltado pela morte do Eng.º Duarte Pacheco no desastre de automóvel em que regressava à Capital, de uma das suas visitas ao Sul do País, logo escreve a um amigo:

«E o Engenheiro Duarte Pacheco! Ouvi notícia no Rádio, aqui, nua e crua; vita brevis! Se alguém celebrou ou celebrou Missa por sua Alma, ninguém o fez nem fará com mais fervor e presença do que eu fiz hoje, na Capela deste lugar».

O Padre Américo era assim, acompanhava sempre de perto ou de longe os seus amigos, não o fazia por cálculo ou segunda intenção, não precisava de convites, aparecia irmanado com eles nos momentos tristes ou alegres da sua vida.

Como ele tinha sempre no seu coração os seus Gaiatos, posso eu testemunhar a ternura paternal com que os tratava e como lhes queria. Um dia, almoçando no Porto, numa casa das suas relações, no fim da refeição porque o dono da casa, à sobremesa, lembrasse os seus pupilos, logo lhe escreve no dia seguinte:

«E aquele seu brinde aos pequenitos do Albergue! Se soubesse como isso me calou fundo! Acredite na minha muita amizade».

Era assim o Padre Américo. Conseguia realizar a sua obra a favor dos infelizes, com ternura e convicção.

Antes de concluir estas breves notas, parece-me dever registrar-se que a fundação da Casa do Gaiato das Ruas do Porto, está ligada a Direcção do Albergue Distrital de então, na pessoa do seu Presidente o Coronel João Namorado de Aguiar, e que os seus mais directos colaboradores, oficiais da Polícia de Segurança Pública, deram o seu valioso contributo para a sua realização. Peço finalmente vénia para transcrever mais uma carta do querido Padre Américo, que traduz em toda a sua simplicidade uma alma pura e generosa, um bondosíssimo coração.

«Meu Mt.º Amigo.

Será verdade? Será desta? É um caldo de nabijas, na Casa da Mata, à sombra. Pode convidar quem quiser; são nabijas».

Vou ter aqui o primeiro Homem que encontrei no Porto; já compreende a minha alegria».

E, à margem, obliquamente, acrescentava:

«Não falte, não m'a desfaça. Até Sábado. Na próxima 5.ª feira confirmo. P.e Américo».

Pela cópia: António da Torre

Visado pela

Comissão de Censura

MALANJE

Continuação da primeira página

Debruça-te sobre os problemas dos teus irmãos.

É na Livraria Lello e na Fada do Lar que os nossos amigos de Luanda podem deixar roupas, calçado e o mais que lhe calhar oferecer. Assim respondo a uma senhora que, aflita com a roupa dos filhos, não sabia a quem entregar. Continue a afligir-se, minha senhora. O Evangelho manda-nos viver preocupados com os que não têm, mais, quando a nós nos sobra.

Os nossos bons pedreiros (Sr. José e Sr. Joaquim) devem partir no dia quatro de Setembro para Metrópolis. Depois de erguerem a Casa-Mãe, depósito de água, os anexos, as pocilgas, as escolas e a capela — bem merecidas são as férias na companhia da família. A sua dedicação pela Obra e o carinho que sempre puseram no trabalho quotidiano — são para nós um exemplo e um estímulo. A nossa gratidão.

Padre Telmo

Cantinho dos Rapazes

«... prisão que não a condição de quem continua a não poder escolher o seu rumo. As pernas são suas, mas ele hipotecou-as no dia em que julgou libertar-se... E agora, não tendo com que remir a hipoteca, encontra negócio acerca da sua pessoa onde julgara amizade; desinteressasse pela sua vontade onde se iludiu com um interesse que, afinal, tinha por objecto as suas pernas».

E agora? Agora creio que é chegado o momento de se convencer de que é preferível um homem confiar na sua cabeça e nos seus braços do que apoiar-se nas suas pernas. E que acabará por trabalhar nas horas de trabalhar e jogar nas horas de ócio. Que daí lhe venha um pequeno proveito material — melhor! Mas quando se não nasceu Eusébio (embora se lhe dê um jeitinho...) é sempre mais seguro ganhar a mesa com os braços e deixar às pernas o ganho da sobremesa.

É o fundamental desvario dos responsáveis pelo futebol, este de encararem o jogador como uma coisa que se compra e vende por um valor que sobe e desce consoante o peso do chute. E o jogador-coisa não é mais um homem livre ainda que seja ídolo.

É esta idolatria que atinge mesmo o mais alto nível dos responsáveis pela coisa-pública do futebol (que em certos momentos, logra um valor de re-

Contin. da primeira página

presentação que a diplomacia não consegue); é esta idolatria — escravidão do ídolo, que, existindo, infelizmente, à escala nacional, nós quereríamos que não existisse na nossa Família. Por

isso nela permanecerá motivo de opção o afiliação num grupo desportivo, mesmo nestes modestos grupos de aldeia, onde não cabem as virtudes dos grandes clubes, mas onde se arrumam muito razoavelmente os seus de- feitos.

UM POSTAL

«Como é bom ter-se \$, mas com o pouco também se pode remediar... com o pouquíssimo é que não.

Todos os sábados quando me aparece o gaiato, o ardina, não escondo a mão para comprar o seu jornal. Gosto de ler «O Gaiato», toca-me o coração, abre-me o coração. Por isso deixo os 10 tostões do periódico diário em troca daquele, porque sei viver com o pouco.

UM PORTUENSE»



PAÇO DE SOUSA

* Mais um casamento. Mais dois seres que se uniram na esperança de alcançarem a felicidade, talvez incógnita então! Partiram para o seu lar com a expressão visível que o coração não esconde.

O Zé Gomes e a Olga. Ele deixou a Marinha há meses, onde cumpriu o serviço militar. Foi até à Guiné e graças a Deus voltou. Ela é empregada da Gazdilla no Porto. Ambos trabalhavam, ambos trabalham. O Zé agora é empregado numa casa de nome grande como mecânico de máquinas tipográficas.

Já não estava debaixo das nossas telhas! Cedo se sentiu capaz de se conduzir e na verdade sempre cumpriu o que prometera a si próprio. No entanto ele sente que esta é sempre a sua casa. E veio! Veio do Porto com a sua gente, para a nossa Capela, para junto do Pai Américo, onde, com a sua Olguita recebeu a sua bênção. Foi mais um casamento a que Pai

funda mudança: os nossos corpos vieram bronzeados.

Qual a razão destas transformações? Oh, já adivinharam pois muitos de vós estais, fostes, ou ides para esse ambiente: a praia que modifica o nosso aspecto tanto corporal como espiritual.

Mas perguntais leitores curiosos: onde esteve esta família?

Conheceis a praia de Mira que Deus dotou de acidentes naturais dignos do maior apreço, pois foi aí!... Assim beneficiamos do mar, dos banhos da barrinha e da floresta para acampar.

Foste, leitor amigo, visitar-nos ao nosso acampamento? Faça-te esta pergunta porque fomos visitados por muitos dos nossos amigos.

Mas, para vós outros que não o fizeste cabe-me descrever esse acampamento que junto à Sagrada Família, deu abrigo a 103 gaiatos divididos em vários grupos.

Logo à entrada uma tabuleta indicava a nossa presença e o lado onde estávamos. Depois os alojamentos com cozinha e uma capela onde fazíamos as nossas orações.

Por outro lado, este ano não houve

sido compreendidos. E digo pareciam, porquanto durante este turno, as coisas correram bem o que dá a entender que finalmente a malta pareceu começar a compreender o verdadeiro sentido da fundação da Colónia, a ajuda mútua que deve existir para que tudo corra dentro do normal.

Como já disse, tudo correu bem. O sol prestou-se a este aliciante tempo, proporcionando-nos assim umas férias deliciosas. Oxalá que nos turnos que se seguem, tudo corra bem, para que não hajam mais dissabores.

* Agora sim... o pedido!...

Precisamos de um frigorífico para a nossa Colónia de Férias. Como os nossos leitores sabem, em especial as donas de casa que estão mais ao correr do assunto, é um utensílio indispensável numa casa e muito mais numa casa numerosa, pois somos cerca de 40 que estamos em férias. São comidas que sobram, é o peixe que tem de se comer de uma só refeição pois está sujeito a estragar-se, ou carnes, da mesma sorte. Enfim, uma série de coisas que se podiam guardar e não se guardam, porque se podem estragar.

Como as capoeiras não estão em condições de lá ficarem de noite as galinhas e como temos medo que a raposa vá à noite, recolhemo-las, na loja dos adubos, até que se componham. Mas dá tanto trabalho! Os Senhores vejam lá se nos ajudam a sair deste embaraço.

Fátima

Ericeira

■ No dia 3 de Julho, num domingo pelas 9 horas da noite, partimos para a nossa Colónia de Mar em S. Julião da Ericeira.

Constituíamos um pequeno grupo de rapazes pertencentes ao 1.º turno. Eramos os maiores que iríamos cuidar dos mais pequenos.

A viagem decorreu óptimamente com o Sr. Pe. Carlos ao volante.

Mas ainda não estamos totalmente satisfeitos porque nos falta aquilo que nos mata a sede, que nos lava, que nos ajuda a cozinhar e que nos faz outras coisas úteis. É a água que nos faz mais falta na nossa Colónia. Por enquanto não a temos canalizada de um poço nosso porque este, além de ter 15 metros de profundidade e perto de 3 metros de largura, ainda permanece seco. Por isso temos que nos deslocar a uma fonte um pouco distante para buscarmos água, para nos lavarmos e lavarmos a loiça. Oxalá que no Inverno o poço fique com a água necessária para consumirmos no próximo Verão.

E para findar esse dia fomos tratar do arranjo da casa para nós e para os mais pequenos que che-



PELAS CASAS DO GAIATO

Américo assistiu do seu trono eterno. Dos teus irmãos, que até ali te seguiram, o desejo que este seja o melhor, o mais recto caminho a trilhar.

* Chegou um bandolim esta semana. Antes uns dias, uma guitarra. Há muito quem cante o fado, mas dedicar a guitarra é um problema. Alguém terá de se atirar de unhas e... eu ia a dizer dentes, mas acho que para a guitarra se dispensam e assim só com as unhas, sem esquecer a paciência que é fundamental neste caso, alguém se vai lançar.

Todavia o referido acordeão que o «Aranha» se farta de pedir, ainda não deu sinal de vida. O Sr. Padre Carlos diz que os cofres andam baixos e o Manuel Pinto não pode ouvir falar destas coisas, porque ainda fica zangado. Sugeriu-me então, que em homenagem ao vendedor do acordeão, para nos adiantar o instrumento sem pagamento. Mas digo que não me sinto lá com muita coragem de o fazer em virtude de ficar mal com certeza. Eu porém proponho outra coisa. Uma campanha. O mundo anda cheio de campanhas, no entanto pode ser que esta seja aceite pelos nossos amigos leitores e assim seja uma verdadeira campanha viva e não falida! Valerá a pena ela nascer?!

Espero que sim, e cá fico à espera da primeira migalha para o acordeão. Quem abre o activo???

João da Rocha

a preocupação de água, pois foi aberto o orifício do qual nos abastecíamos.

Quanto ao resto, correu como em família, em que todos nós procurámos ocupar o nosso lugar.

Agora segue-se um ano de trabalho que nos abrirá o apetite para novas férias do ano 67.

* **BATATAS.** A colheita da batata está a terminar. Depois de muitas cansaças, Deus compenhou generosamente com uma quantidade avultada levando o Sr. Padre Horácio, quando na praia, a afirmações como esta: — Não temos batatas para assar na areia. São todas graúdas. Ora vejamos que uma batata — e descreveu a batata através unidas num grande centro — pesa à volta de um quilo e meio. Acrescentou irónicamente: tu na-se-ia fenómeno se fosse do Entroncamento. Mas é absurdo, como ele também o compreendeu, porque pode haver em qualquer parte.

Enfim, boa e abundante colheita. Terminei esta, desejando a continuação dumas boas férias aos nossos amigos. O gaiato

Fernando

Isto coloca-nos em duas situações confusas. A primeira é vermos a dispensa a ficar depenada de um dia para o outro. A segunda é estarmos sujeitos a apanhar uma congestão!... Ora tudo isto se solucionaria, se houvesse o referido frigorífico.

Deixo isto à vossa generosidade. Podemos contar convosco, não é verdade? Como sabem, precisar, é necessitar e por isso...

Por hoje nada mais. Desde já muito obrigado.

Bernardino Ferreira da Rocha

Quando chegámos já era noite. E por ser noite pudemos apreciar melhor uma das coisas que há tanto desejávamos ter na nossa Colónia: a luz eléctrica. E trouxe-nos muitos benefícios: agora já lá podemos ter um rádio em boas condições, uma televisão, um frigorífico e etc..

gariam no dia seguinte.

Na segunda-feira despertámos com o sol a despertar indo originar o primeiro e um dos mais belos dias que passámos na nossa Colónia de S. Julião da Ericeira.

Mário Fernando

BELÉM

■ A raposa — Ela tem a toca e a ninhada na nossa mata. Já há bastante tempo que por cá anda e já fez das suas. Passados alguns dias da nossa avózinha nos ter dado uma ninhada de pintainhos e de nos ter nascido outro, um dia, por volta das sete horas da manhã ela foi-nos à capoeira e levou-nos dois pintainhos e a mãe deles. Eu ouvi os patos a berrar, mas como estava meia a dormir, não liguei, mas quando nos levantámos eu fui à janela vi a raposa e chamei as outras. Ela começou a carinhar pelo campo fora, olhou para trás e viu-nos e nem por isso se ralou a fugir.

Agora já não aparece por cá tantas vezes, mas nos princípios era todos os dias, chegava a vir mesmo para a porta. Num sábado em que andavam algumas a esfregar e tinham a luz de fora acesa, ela passou pelo carreiro e quando ia a passar por elas uivou toda descarada e lá seguiu o seu caminho.

O nosso cão, que é mais ou menos do tamanho dela e é muito atrevido, certamente foi atacá-la à toca e ela, como lá tem os filhos, defendeu-os com unhas e dentes. Por isso ele agora deixa-a à vontade.

Nós também não lhe ligávamos nada. Então a nossa Mãe disse que qualquer dia a raposa era como se fosse algum animal doméstico, porque nem lhe acendíamos o cão nem a corriamos à pedrada. Um dia, de manhã, vimos o leão muito descansado, na casota, e a raposa na vinha a olhar para ele. Nós começámos a correr atrás dela, o leão viu-nos a correr e viu a raposa e começou a ladrar e a correr atrás dela, pelo pinhal fora, até que ela se meteu na toca.

Calvário

Verão de 1966

Na roupa-ria. Pelas 6 da tarde é o momento breve em que o trabalho afrouxa um pouco. Senhora Amélia passa a ferro. A Antónia separa e dobra a roupa da semana. A Antónia é completamente cega — um rosto de máscara gentilica com dois olhos fendidos, brancos e inúteis. Além de cega é aleijada — um corpo torcido como linha num bolso, caminha aos pulos como as rãs. Conversamos:

— Menina, a senhora gosta disto?... Havia de cá vir na Páscoa... ou no Natal... Que bonito! Nem na cidade. Eu se contasse à menina tudo o que aqui se faz, ficava admirada... nem na cidade, insiste ela.

(Nem na cidade — pensava eu, na morta cidade dos homens...)

— Menina, só quem for cego é que não vê o que aqui se faz. Falava assim, como se visse... «Via» realmente com todas as certezas do entendimento e da experiência. «Via» a capela tão linda, o salão... elas todas lá dentro juntas... A Antónia parecia visitada pela luz prometida aos Pobres e aos limpos de coração...

No refeitório. A Sr.ª Amélia fica na minha frente: chega um bocadinho atrasada. Entra calada e humilde; parece sempre assustada quando ergue os olhos para nós. Trabalha no pavilhão das isoladas. Vi-a calma e paciente

sossegar a s.ª hora Tereza, numa crise de loucura paralisada. A Sr.ª Amélia diz que veio da ilha da Madeira. Mas a mim parece-me que ela veio dos confins do mundo da fome e da sujeição. Olho para ela e parece-me ver todas as ruínas condenadas à miséria: os chineses, os índios, os brasileiros dos morros e das favelas... a torrente milenária de gerações e gerações que nasceram para suportar nos ombros magros e vergados a imensa cruz que a maldade dos homens impõe ao «Corpo de Cristo». (Desde quando e até quando, Senhor, a Tua crucifixão?)

...Já tinha vindo ao Calvário uma vez, — e voltei — trazida sempre pela mesma necessidade que faz as raízes procurarem na fundura da terra o alimento e faz estas árvores erguerem os ramos para o lado da Luz. Vim trazida por uma obscura e funda necessidade de Verdade.

As pessoas que me perguntaram o que vim aqui fazer, era-me difícil responder-lhes. — Fostes fazer retiro?... — Não... — Trabalhares?... — Não, eu não sei fazer nada... — Que fazias lá?... — Estava lá como o Aida e os outros doentes que dependem inteiramente da «esmola do Amor». Estava lá para receber o mesmo Pão.

Alguém que passou

MIRANDA DO CORVO

* Subia a carrinha o declive para a nossa Casa e os batatinhas, mais espertos do que nunca, limpavam a rua, passeios e jardins.

Quanto a nós, que fomos os últimos a chegar da praia, houve uma pro-



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE